

**O HOMEM E SEUS MUNDOS:  
PERSPECTIVAS FILOSÓFICAS E CIENTÍFICAS**

Encontro em torno do percurso acadêmico do Prof. Paulo C. Abrantes

Universidade de Brasília, 28 a 30 de junho de 2017

**CADERNO DE RESUMOS**

**Prof. Agnaldo C. Portugal**, "Paulo Abrantes e Alvin Plantinga em torno do naturalismo: pelo menos dois modos de fazer filosofia da ciência".

Resumo: Nesta exposição pretendo comparar o modo como Paulo Abrantes e Alvin Plantinga abordam o conceito de naturalismo e como suas diferentes abordagens se relacionam a diferentes modos de fazer filosofia da ciência. A hipótese a se testar é que, enquanto Abrantes faz filosofia da ciência a partir de uma reflexão sobre o método (em diálogo com autores como Popper, Kuhn e Lakatos) e de uma avaliação da história da ciência (com base nas noções de "imagem de ciência" e "imagem de natureza"), Plantinga analisa filosoficamente a ciência tendo como pano de fundo o debate em epistemologia analítica, particularmente o conceito de "garantia" (*warrant*) e o problema das bases metafísicas da ciência moderna. Enquanto Abrantes se ocupa mais do naturalismo metodológico, Plantinga está mais preocupado com o naturalismo metafísico.

**Prof. Alexandre Araújo Costa**, Mesa-redonda 'Filosofia, Biologia e Ciências Sociais'

Resumo: Nesta apresentação abordarei o núcleo do que creio que são contribuições teóricas para as ciências sociais: mudança nos conceitos de racionalidade e historicização radical. Creio que a biologia evolucionista leva a historicidade para a biologia e nos possibilita projetar narrativas históricas para períodos bastante antigos, o que coloca em xeque a

naturalização e a ontologização que a modernidade herda dos gregos. Essa história evolutiva da espécie exige novos desenvolvimentos acerca do que significa a racionalidade, e essas modificações são relevantes para as ciências sociais. Uma racionalidade interacionista (focada nas relações humanas) e não imanentista (focadas em um pensamento objetivamente correto), que abre espaços interessantes para a compreensão das sociedades.

**Prof. André Leclerc, “Causação na biologia e na psicologia”**

Resumo: Minha intenção é mostrar como, a partir das ideias de Ernst Mayr sobre causação (em particular a distinção cause remota X causa próxima) podemos montar uma solução para o problema de causação mental e resgatar a ideia de explicação propriamente psicológica.

**Prof. Antonio Diéguez, "La epistemología evolucionista y el debate sobre el realismo"**

Resumo: Los intentos de apoyar el realismo realizados desde la epistemología evolucionista no han conseguido ofrecer argumentos suficientemente poderosos, pese a su plausibilidad inicial. Aceptando que nuestras capacidades cognitivas existen porque aumentan nuestra eficacia biológica, no es en modo alguno evidente que aumenten nuestra eficacia biológica porque porporcionen un conocimiento verdadero sobre el mundo. La estrategia abductiva de inferencia que el realista emplea en relación al éxito predictivo de la ciencia, es decir, el recurso a la verdad aproximada como mejor explicación de ese éxito, pierde mucha fuerza cuando se aplica al conocimiento ordinario.

**Profa. Diana Pérez, “La atribución mental y la segunda persona”**

Resumo: La perspectiva de segunda persona apareció como alternativa a las clásicas teoría de la teoría (de tercera persona) y teoría de la simulación (de primera persona) que se disputaban la hegemonía de los mecanismos cognitivos en juego en los procesos de atribución de estados mentales (Davies y Stone 1995a, 1995b). En efecto, la disputa a fines de siglo pasado estaba planteada en términos de cuáles son los mecanismos por *default* presentes cuando explicamos y predecimos la conducta de nuestros congéneres apelando para ello (como de hecho lo hacemos) a la atribución de estados mentales internos del individuo que actúa. Si bien la perspectiva de segunda persona surgió en este ámbito de discusiones, y aparentemente se presentaba como alternativa explicativa de los mismos fenómenos, resulta difícil identificar atribuciones psicológicas en muchas interacciones de segunda persona y no está claro en qué medida se trata de una perspectiva desde la cual sea posible la atribución de estados mentales de una manera genuina y no reducible a las formas usuales que adoptan estas atribuciones en las teorías de tercera y primera persona. En este trabajo nos proponemos explicitar de qué forma se da la atribución psicológica en las interacciones de segunda persona. Para ello, en primer lugar, consideraremos cuáles son los requisitos conceptuales de la atribución psicológica en general; en segundo lugar, rechazaremos la idea de que “creencia” es el paradigma de todo estado mental y por lo tanto la idea de que el caso paradigmático a explicar en una teoría de la atribución psicológica sea el de la atribución de creencias, mostrando la heterogeneidad de los conceptos mentales y consecuentemente las variedades de atribución psicológica; en tercer lugar, explicaremos el rol del lenguaje en las atribuciones mentales; en cuarto lugar, explicitaremos los diversos niveles de complejidad de las atribuciones psicológicas y

finalmente explicitaremos la relación entre las atribuciones mentales de segunda, primera y tercera persona.

**Prof. Fábio Leite**, “Níveis e funções da história da ciência na obra de Pierre Duhem” (Mesa-redonda ‘As relações entre História da Ciência e Filosofia da Ciência’)

Resumo: Em nossa apresentação, pretendemos, de início, distinguir dois níveis assumidos pela história da ciência na obra de Pierre Duhem, e, em seguida, apontar como eles se relacionam seja com sua epistemologia, seja com seu projeto científico. O primeiro nível define a história enquanto subordinada a estas duas áreas, isto é, enquanto um meio para a justificativa de teses que lhe são externas; já o segundo concerne à história autônoma, entendida como um fim em si mesma e, por assim dizer, independente de preocupações que lhe seriam alheias. Ao final, desejamos delinear, não sem desconsiderar as dificuldades inarredáveis que o próprio tema nos impõe, quais são os limites entre esses níveis e quais seriam suas respectivas características fundamentais.

**Prof. Frederik M. dos Santos**, “Uma interpretação fisicalista para o conceito de informação: aproximações deaconianas”.

Resumo: O conceito de informação tem se tornado central nas ciências desde o século XX, porém, que pese a sua importância na cultura contemporânea, ainda há muito a se esclarecer e a se avançar quanto à sua definição. Uma situação deste tipo não é nova: durante os séculos XVIII e XIX, o conceito de energia se tornou central nas engenharias e na termodinâmica, mas apenas tardiamente o conceito de energia se tornou satisfatoriamente definido. Este partiu de uma perspectiva substancialista

(como no conceito de *vis viva*) para uma compreensão mais processual ligada a duas formas de se descrever o estado físico de um ou mais objetos: (I) a sua potencialidade para o deslocamento ou deformação espacial, ou (II) o seu movimento não espontâneo. Algo semelhante tem ocorrido com o conceito de informação. A sua substancialização se torna presente nas linguagens técnica e ordinária da seguinte forma: armazenamento de informação, acesso a informação, manipulação da informação, etc. A despeito das medições que podem ser feitas a partir da equação de Shannon-Weaver, defendemos que tal equação está longe de poder capturar o seu significado. Faremos uma análise crítica do uso e de algumas formas de se conceituar informação. Os últimos textos publicados por Terrence Deacon nos servirão como principal referência para esta análise conceitual. Esta apresentação não focará em uma revisão bibliográfica crítica do estado da arte sobre o assunto, porém a análise histórico e conceitual nos servirá como ponto de partida em nossa apresentação. Iremos apresentar a nossa forma de se conceituar informação, e o caminho que temos seguido para propor equações mais gerais do que aquelas feitas até então, utilizando a entropia de Tsallis. Esta investigação tem nos levado a construir um conceito mais integrador em torno do significado do termo. Nossa construção teórica busca capturar a dimensão semântica deste conceito, assim como sua tipologia. Lançaremos mão dos conceitos de “restrição/constraints” e “incerteza/uncertainty”, como utilizados por T. Deacon, como componentes centrais de nossa análise e construção teórica.

**Prof. Guillermo Folguera**, “Una Biología, muchas Biologías: ¿estamos frente a un proceso de fragmentación en la Biología?”

Resumo: En esta presentación se abordará la pregunta general acerca de si en las últimas décadas se ha estado dando un proceso de fragmentación

disciplinar en la Biología. En particular, se indagarán tres ejes fundamentales, que hacen las veces de posibles líneas de fractura disciplinar. El primero de ellos es el dado por la biología de tipo funcional y la evolutiva, uno de los ejes que ha sido objeto de atención en reiteradas ocasiones. El segundo es el propio reconocido entre los niveles inferiores al organismo y los superiores, cuya comparación permite arrojar elementos importantes para su discusión, tal como la naturaleza y rol de las interacciones. Y, finalmente, el tercero y último refiere a la comparación entre la biología que presenta una racionalidad de tipo logéfrica y aquella otra de carácter tecnocrático en la que predomina una racionalidad pragmático-utilitaria. La pregunta general intentará recuperar a los fines de lograr una problematización apropiada, aspectos de tipo epistemológico, metodológico, ontológico y, finalmente, asociados a los fines.

**Prof. Mauro L. Condé**, “Mutações no estilo de pensamento: Ludwik Fleck e o modelo biológico na historiografia da ciência”

Resumo: O objetivo da apresentação é analisar, especialmente a partir da obra de Ludwik Fleck, a importância da biologia e das ciências da vida como matriz modelar na constituição de uma teoria e metodologia de escrita da história da ciência. O que aqui é chamado de “modelo biológico” na historiografia da ciência. Em contraposição ao modelo físico e posteriormente biológico presente em Thomas Kuhn, em Fleck, podemos encontrar um modelo biológico que contribui de forma mais robusta para a constituição de uma epistemologia que nos permita lidar melhor com a história da ciência. Com efeito, analisando essa questão em Fleck também podemos constatar que – além da afirmação dos aspectos sociais e históricos na construção do conhecimento científico defendidos por ele –, sua epistemológica também se assenta profundamente no referencial

biológico fazendo, assim, do pensador polonês um percussor dessa abordagem. Enfim, na obra de Fleck podemos perceber que a biologia e as ciências da vida cumpriram um importante papel apresentando uma alternativa epistemológica à história da ciência até então dominada pelo modelo da física. Ao propor uma abordagem de Fleck que enfatiza a importância do modelo biológico, o artigo também procura salientar uma leitura não Kuhniana do pensador polonês.

**Prof. Pedro J. T. da Glória**, “A trajetória evolutiva humana contada pelos fósseis”

Resumo: A trajetória evolutiva humana parte de uma base comum primata e se diferencia em alguns pontos-chave ao longo dos últimos 6 milhões de anos. Usando a teoria evolutiva biológica e conhecimentos de anatomia humana e primata, busco recontar essa trajetória através dos fósseis. A evolução humana pode ser traçada a partir de quatro grandes aquisições: a bipedia obrigatória, as indústrias líticas, o crescimento do cérebro, e a explosão simbólica. Essa sucessão histórica de acontecimentos marca o surgimento de uma espécie particular entre os primatas: o *Homo sapiens*.

**Prof. Rogério Severo**, “Estruturas linguísticas, paradigmas e holismo”

Resumo: Um elemento comum às filosofias de Carnap e Kuhn parece ter sido a análise de revoluções científicas em termos de mudanças na linguagem das ciências. Nesse sentido, haveria dois tipos de revisões no interior de teorias científicas: as revisões nos valores de verdade de hipóteses e as revisões das linguagens em que são formuladas as hipóteses. Haveria também diferenças substanciais na racionalidade de cada um desses tipos de revisão. Essas concepções parecem contrapor-se à

concepções holísticas da ciência, segundo as quais ambos tipos de revisão são parte de um processo único de busca por teorias mais adequadas. Este trabalho contrapõe as concepções de Carnap e Kuhn, de um lado, às de Quine, e propõe uma via intermediária, aqui chamada de "holismo estruturado".

**Profa. Rosana Tidon:** “Sistemas de herança: as múltiplas dimensões da Evolução”

Resumo: A teoria evolutiva unifica as Ciências Biológicas e tem sido também aplicada em diversos setores das Ciências Exatas e Humanas. Originalmente proposta por Darwin como “descendência com modificação”, ela pressupõe a existência de variação herdável que é transmitida de forma desigual para a geração seguinte. No século XX, entretanto, essa teoria adquiriu um viés fortemente genético: a evolução biológica passou a ser compreendida como um processo que modifica a composição dos genes de uma população no decorrer de gerações. Nasce aqui o determinismo genético, o qual inspirou ideias sobre sociobiologia e genes egoístas, dentre outras. Nas últimas décadas, contudo, o determinismo genético passou a ser criticado por diversos biólogos evolucionistas. Apesar de reconhecerem a importância da dimensão genética, eles argumentam que há outras dimensões herdáveis da variação que também contribuem na determinação dos organismos e, portanto, evoluem. O Prof. Paulo C. Abrantes, explorou, em diversos trabalhos, a dicotomia entre natureza e cultura. Foram abordadas a evolução da mente normativa, o papel do conflito e da cooperação na evolução humana e a existência de processos evolutivos assentados em modalidades não-genéticas de herança, dentre outras questões evolutivas relevantes. Ele argumenta que investigações empíricas sobre a evolução humana devem



ser integradas a outras abordagens, como análises conceituais e simulações, pois a associação entre diferentes métodos pode nos conduzir a cenários mais plausíveis acerca de como se deu a evolução da nossa espécie em suas diversas fases. Nesta exposição serão apresentados os sistemas de herança biológica e cultural atualmente reconhecidos pelos biólogos evolucionistas, e que têm sido explorados e divulgados pelo Prof. Paulo Abrantes como importantes fontes de variação associadas à evolução humana.

**Prof. Samuel Simon**, “A noção de tempo físico: ciência e filosofia”  
(Mesa-redonda ‘As relações entre História da Ciência e Filosofia da Ciência’)

Resumo: Pretendo discutir as relações entre os conceitos de tempo na Física e na Filosofia, em um rápido panorama dessas relações, a partir do período moderno. Defenderemos uma primazia da conceituação científica sobre as conceituações filosófica, embora estas possam, talvez, ser úteis para o próprio desenvolvimento científico e para se estabelecer conexões entre áreas distintas das ciências, como, por exemplo, entre a Física e a Biologia.

**Prof. Valter A. Bezerra**, "Por que o pluralismo interessa à epistemologia?"

Resumo: A fala está estruturada ao redor de dois polos principais: o pluralismo visto como uma característica dos processos epistêmicos em virtude de considerações "transcendentais"; e, ademais, o pluralismo que se coloca em decorrência de investigações acerca dos aspectos contingentes/historiográficos. Não denomino esses dois polos "normativo" e "descritivo", pois não penso que essa dicotomia seja sustentável (assim

como algumas outras dicotomias obsoletas em epistemologia). A palestra possui um caráter panorâmico e programático, refletindo meu interesse metafilosófico atual, e a perspectiva metafilosófica que venho elaborando gradualmente. Um outro aspecto dessa minha atual visão "macro" está contemplado em um *preprint* que está no *pitt-archive* e que pretendo publicar, sobre metáfora e sistematicidade como dimensões constitutivas dos conceitos e dos temas filosóficos. A programação atual de seminários do meu grupo de pesquisa tem, toda ela, uma ênfase em metafilosofia e historiografia da filosofia - sem renegar a metateoria estruturalista, que trabalhamos durante dois anos, e é uma das ferramentas básicas do nosso arsenal. Entre as formas de pluralismo que discuto brevemente no texto estão o pluralismo de metodologias e de formas de racionalidade, o pluralismo de perspectivas de valor (ou axiologias), o de imagens de natureza, e o de estilos de pensamento. Penso que se pode caminhar no sentido de um argumento global em favor do pluralismo concernente a todos eles.